

EXISTENCIA EM PORTUGAL DE UMA SERIE
SUPERIOR A "FORMAÇÃO XISTOSA DA BEIRA"
E INFERIOR AO ORDOVICICO *

L. E. NABAIS CONDE**

R E S U M O

Na região de Sardoal-Mação (Portugal Central) entre a "Formação Xistosa da Beira" e o Ordovícico, e separada por discordâncias, está intercalada uma série que é pela primeira vez descrita em Portugal.

Trata-se de uma sequência vulcano-sedimentar constituída, da base para o topo, por conglomerados, quartzitos, xistos argilosos, vulcanitos ácidos e xistos argilosos, e para a qual é proposta a designação de "Série Intercalar".

Além dos vulcanitos extrusivos afloram grandes massas de intrusivos como o "granito de Mação", o pórfiro de Santiago de Montalegre e o pórfiro da Melriça.

No trabalho faz-se a descrição geológica dos locais de afloramento, da estratigrafia e petrografia das várias unidades e indica-se a sua possível existência em outros locais de Portugal e sempre junto da base do Ordovícico, mas com composição diferente (conglomerados e xistos, no afloramento de Penha Garcia; calcários, xistos, quartzitos e conglomerados no afloramento da Marofa; calcários, xistos, conglomerados, quartzitos e grauvaques no afloramento de Satão-Porto).

Esta série é paralelizada com outras descritas em Espanha por LOTZE (1961) entre os rios Alagón e Tejo, junto a Aliseda e na "finca Hito", nos Montes de Guadalupe, etc., muito embora para este autor elas não sejam paralelizáveis.

Corresponde também a esta série a chamada "Série de Hinojosas" BOUYX (1970).

Todos estes afloramentos se encontram situados na mesma unidade estrutural da cadeia hercínica ibérica -a zona Lusitânica Oriental-Alcúdice de LOTZE (1945) e as variações litológicas observadas explicam-se pela influência da tectónica que afectou a "Formação Xistosa da Beira" antes da deposição

* Este trabalho será publicado in *Memórias e Notícias*, n.º 69, do Museu e Lab. Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra.

** Serviços de Fomento Mineiro. Portugal.

da “Série Intercalar”, e que condicionou a paleogeografia da qual esteve dependente a formação desta série.

A idade isotópica das rochas intrusivas, determinada pelo método do rubídio-estrôncio para a rocha total e para a biotite, deu 563 m.A., o que indica pertencer a série ao Câmbrio inferior. Este facto permite datar a “Formação Xistosa da Beira” (também designada por “Complexo xisto-grauváquico”) como totalmente precâmbria.

É possível correlacionar os vulcanitos ácidos com os da “Série de Bodoal” (ver HERNÁNDEZ ENRILE e GUTIÉRREZ ELORZA, 1971) que estão situados numa unidade estrutural diferente (Ossa-Morena de LOTZE (1945)).

Discute-se o significado da existência de vulcanitos ácidos na base do Câmbrio em duas unidades estruturais diferentes e qual a natureza do contacto entre essas unidades. Considera-se que este contacto, que actualmente é um contacto tectónico, corresponderia a uma zona de movimentação activa durante o Câmbrio, a qual fazia a separação entre duas áreas paleogeográficas distintas: uma a N, com sedimentação do tipo epicontinental e com pequena espessura de sedimentos, e outra a S, com forte subsidência e de carácter geossinclinal. Os vulcanitos ácidos teriam intruído segundo a zona de movimentação, zona que teria sido aproveitada mais tarde para intrusão de rochas eruptivas, designadamente as de carácter ofiolítico que aparecem interestratificadas no geossinclinal câmbrio do SW da Península.

A diferente composição litológica do Precâmbrio nas duas unidades estruturais e a presença de um Precâmbrio mais recente na zona Lusitânica Oriental-Alcúdica, resultante da destruição de rochas da unidade Ossa-Morena, indicam que a zona de instabilidade, aproveitada para a intrusão de vulcanitos no Câmbrio, corresponderia a uma zona já activa durante o Precâmbrio superior, mas com movimentação inversa da do Câmbrio, com forte subsidência da unidade N e sedimentação de materiais tipo “Flysch”.

No final da orogenia hercínica a linha de contacto entre as duas unidades estruturais transformou-se numa zona de cavalgamento, com a unidade de Ossa-Morena a cavalgar a Lusitânica Oriental-Alcúdica. Posteriormente continuou a haver movimentação da zona de cavalgamento, sendo o último movimento posterior aos depósitos de “Raña” considerados do Vilafranquiano.

(Recibido el 28-II-71)